

“VOCÊ PARECE SEU AVÔ RODANDO SAIA NO TERREIRO DE TERCÊ”:

**CONSTRUÇÃO DE NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA
DE UMA ÁRVORE GENEALÓGICA ANCESTRAL¹**

Raíne Machado Lucena²

Aquele que tenta sacudir o tronco de uma árvore sacode somente a si mesmo.
(Provérbio africano)

Uma das formas de manter a autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo.
Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no
conhecimento concreto da realidade.

(Neuza Santos Sousa)

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar uma *escrivência* de um mergulho dentro de si na busca e construção de uma árvore genealógica³ ancestral de linhagem materna que encontrava-se perdida nas migrações entre nordeste e sudeste. Tendo como significância a construção dos *marcadores de africanidades*⁴ em consonância com o *Corpo Dança Afro-ancestral* que durante este processo tornaram-se elos importantes no acordar dos valores e pertencimentos afrocentrados.

Palavras-chave: Autobiografia - Escritoras. Cultura afro-brasileira. Genealogia. Lucena, Raíne Machado - Autobiografia.

ABSTRACT

The aim of the present article is to present a “*writing-life*” of a immersion into myself which I reconstruct the family tree of my maternal lineage which was lost in the historical process of migrations of black populations between northeast and southeast of Brazil. I emphasize the significance of “*africanity marks*” within *Afro-ancestral Body-Dance* in that meanwhile became relevant links in the arise of the feeling of belonging and values afrocentred.

Keywords: Afro-brazilian culture. Autobiography - Women writers. Genealogy. Lucena, Raíne Machado - Autobiography.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade.

² Raíne Machado Lucena, mulher negra, artista interdisciplinar da dança, poetisa, cantora, compositora e formanda no Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

³ “Uma árvore genealógica pode servir como uma retomada de um sistema globalizado de comunicação entre o passado e o presente, entre os mais velhos e os jovens – uma retomada à comunidade – pois ela veicula a mensagem de que não começamos sozinhos, de que não estamos sozinhos e de que continuaremos acompanhados na trajetória humana. É a história que remontamos sobre ela mesma que a converte em algo mais que um simples desenho: ela se converte em algo real, em vida coletiva (Eu+Outros) que pulsa.”(ROSO,2010, p.390)

⁴ “Conceituação que propõe revisitar os territórios negros a partir de nossas histórias e memórias, voltando-nos para o conjunto que constrói nossas trajetórias no mundo. Sabemos que existem elos entre a pequena história particular, familiar e a Grande História. São movimentos de mundos conectados à danças, aos tambores, mitos e valores comunitários afrodiáspóricos que dão origem ao sentimento de pertencimento afro. Pertencer, fazer parte, sentir-se parte da cultura de matriz africana, de sua memória e história, é ainda uma conquista para todos nós.” (PETIT, Sandra, FARIAS, Kellynia, 2015, p. 135)

1 INTRODUÇÃO

Sempre quis saber quem eram os meus familiares, receber um abraço de vó, brincar com meus primos e ouvir histórias das minhas tias e tios, porém esses familiares só tinham vida através das memórias de minha mãe e na minha imaginação, algumas fotos 3x4 e cartas escritas pelo meu avô datadas de 1984 com remetente de Codó⁵ Maranhão, registros documentais que só aumentavam as incertezas em encontrá-los pois já se somavam quase quarenta anos sem contato.

As minhas encruzilhadas desde a infância foram gingadas, envoltas pelos batuques dos tambores, danças em roda e uma admiração profunda pelas forças da natureza que, com o passar dos anos, foram ganhando formas, arquétipos, nomes e origem. Os Orixás, Voduns, Nkisis e Encantados da África.

Através da minha iniciação na Capoeira de Angola meu ventre verteu em uma vibração interna e profunda, me fazendo ir de encontro com as compreensões do que vem a ser os marcadores de africanidades (PETIT, Sandra, FARIAS, Kellynia, 2015, p. 139). Assim, o toque do berimbau e as ladainhas tornaram-se meus referenciais das histórias cantadas, que o mestre, músico, compositor nascido nas terras de Cachoeira na Bahia e dono de uma poderosa voz, Mateus Aleluia, nos versa:

Nós somos os ancestrais e nós somos os futuristas. É a verdadeira volta, como se fosse a cobra picando a própria cauda, quando fala de um ancestral também se fala naquele que há de vir, onde uma coisa está totalmente ligada a outra, aquilo que é e aquilo que já foi, aquilo que vai ser é o que tá sendo, e que já foi também. A ancestralidade é realmente a nossa forma de estar na vida com representação, às vezes como se fosse passado, às vezes como se estivéssemos no presente e às vezes fazemos uma projeção para o futuro. Essa é a nossa forma ancestral de existir.⁶

A ancestralidade é o fundamento de conexão entre os seres, cordão umbilical por onde a terra alimenta seus filhos, nutrindo-os de energia vital para continuidade existencial. Neste ponto de vista, a ancestralidade é onde acontecem as trocas de experiências fundamentadas

⁵ Localizado a 292 km de São Luís, Codó foi grande produtor de algodão desde período colonial, participando ativamente do processo de industrialização do estado no setor têxtil, com funcionamento de uma fábrica que produzia algodãozinho, brins, mesclas, riscados e sacaria. Hoje destaca-se na produção de arroz, mandioca, milho e feijão. Limita-se geograficamente com os municípios de Afonso Cunha, Aldeias Altas, Caxias, Coroatá, Chapadinha, Dom Pedro, Gonçalves Dias, Governador Archer, Lima Campos, Timbiras e Santo Antônio dos Lopes. (CENTRINY, 2015, p. 24)

⁶ A ancestralidade africana de Mateus Aleluia. Câmara dos Deputados. Youtube. 21 de Dez. 2017. 56mim35s. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=fXGYBWxIBKc>>, Acesso: 30 de jul. 2019

numa sociabilidade ética, envolvendo a linguagem, signos e materialidade, tornando-se uma categoria de inclusão, por ser receptadora (OLIVEIRA, 2017, p.40).

O Jongo conecta-me ao meu Corpo-Dança Afroancestral⁷ mostrando em seus compassos motivados pelos tambores Caxambu, Tambu e Candongueiro as danças de origem africana que se estabeleceram no Brasil pela resistência anticolonial, sobrevivência do ser humano através da corporeidade e por toda memória que o corpo trouxe do outro lado do atlântico para cá.

Quando minha mãe citou ao me ver dançar o jongo que eu parecia com o meu avô rodando saia no terreiro de Terecô⁸, eu descobri que havia uma ligação entre nós, não só consanguínea, mas também do elo ancestral. A partir daí tive a certeza de que aquele era o fio condutor para seguir os caminhos em busca da minha família e suas tradições no Maranhão. As danças trouxeram a compreensão de que a ancestralidade é a herança deixada pelas nossas raízes, para que possamos nos conectar e sobreviver através dos nossos valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros.

Valendo-se destes princípios, pretendo relatar a trajetória e busca da reconstituição familiar que essa investigação da árvore genealógica ancestral proporcionou. Além disso, neste presente artigo busco uma escrita sincera, registrada por mãos negras que durante gerações não puderam escrever suas trajetórias, legitimando academicamente seus saberes e fazeres, pois o fenômeno do analfabetismo e a restrição do acesso à Educação Básica e Superior em nosso país afeta um grande contingente da população negra, que por consequência tem as suas histórias de vida negligenciadas. Portanto, busco a importância do investigar a minha própria história de vida, que vai de encontro com a construção do meu pertencimento afro-diaspórico e a construção da minha árvore genealógica ancestral.

⁷ Conceito que remete às experiências e aos marcadores africanos num corpo dançante, não necessariamente africano, mas certamente conectado à África na sua condição comunitária, que possui uma ancestralidade africana, mesmo quando mesclado a outras matrizes, mas em que a africanidade é o que singulariza e predomina, como identificação e pertencimento.(PETIT,2015,p.153)

⁸ O Terecô(ou tambor da mata) é uma religião afro-brasileira fundamentada nos segredos e mistérios, oriunda dos interiores do Maranhão tendo como probabilidade fundação em 1786,onde boa parte dos africanos que povoaram essa região são de origem Banto/Cabinda e Bakongos que formaram a pajelança africana e do Terecô no quilombo do Santo Antônio dos Pretos, situado a 36 km da zona urbana de Codó. “A palavra Terekô vem dos Bantus de verbal de telelo, teëleko, ou telesso, que significa abençoar, celebrar, comemorar através dos tambores. Essa foi a expressão usada e a denominação dada para mais uma religião de matriz africana no Brasil, talvez a mais antiga religião afro-maranhense”.(CENTRINY.2015,p.27-45)

2 DESENVOLVIMENTO

Por um lado, Walter Benjamin, em *O narrador*, salienta a importância da arte de narrar, que está em extinção; e, com isso, os fatos do cotidiano passam de indivíduo para indivíduo da mesma maneira que se cria uma narrativa que traz a “sabedoria” em forma de vivência. De outro lado, Nóvoa, em *Vidas de professores*, diz que é necessário haver renovação dos modos de conhecimentos científicos, assim como a utilização contemporânea das abordagens (auto) biográficas, para que os sujeitos, face às estruturas e aos sistemas, tragam à tona a sua vida como experiência.

Nesta narrativa, canto a busca de minha linhagem familiar por parte de mamãe, que através de sua oralidade com o passar do tempo fez com que se descortinasse uma grande árvore genealógica, com raízes em terras maranhenses, onde, durante os quarenta anos da vida de minha matriarca e vinte e seis da minha, teriam ficado ocultas por um distanciamento forçado, resultado do impacto do sistema escravista no pós-abolição. Isso pode ser comprovado com o argumento infraescrito:

O essencial para cada povo é reencontrar o fio condutor que o liga a seu passado ancestral mais longínquo possível. A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que ela cria, constitui uma relação de segurança; a mais certa e a mais sólida para o povo. É a razão pela qual o afastamento e a destruição da consciência histórica era uma das estratégias utilizadas pela escravidão e pela colonização para destruir a memória coletiva dos escravizados e colonizados.(MUNANGA, 2012,p. 12)

Nessa linha de pensamento, analiso a trajetória das nossas vidas enquanto busca *Sankofa*, que Petit (2015,p.72) apresenta como “pássaro que se movimenta para frente, ao passo que mantém sua cabeça voltada para trás, num elo inquebrantável com a nossa história e a nossa linhagem, biológica e/ou simbólica, a um só tempo comunitária e cósmica”. Onde cada ser, existente ou não, se responsabiliza em função do outro para restabelecer o equilíbrio e a harmonia do cosmos.

Nesse sentido, famílias negras que formam a diáspora afro-brasileira passam pelos processos de *perda de imagem* de sua matriz africana, que se originou nos deslocamentos migratórios, desde o sequestro de mulheres e homens do continente mãe para o Brasil, impulsionando as migrações internas neste solo, e conseqüentemente perdendo o elo imagético. Por isso, trato aqui do ressarcimento da corporeidade que tange a experiência cujo encontro vai à estirpe.

Para corroborar com a ideia supracitada, temos o filme *Ori*, de Beatriz Nascimento e Raquel Gerber, que na interpretação de Ratts profere:

O corpo negro se constitui e se redefina na experiência da diáspora e da transmigração (por exemplo, da senzala para o quilombo, do campo para a cidade, do Nordeste para o Sudeste). Seus textos, sobretudo em *Ori*, apontam uma significativa preocupação com essa (re)definição corpórea. Neste tema, a encontramos discorrendo acerca da sua própria imagem, da “perda da imagem” que atingia os(as) escravizados(as) e da busca dessa (ou de outra) imagem perdida na diáspora. (RATTS,2006,p.65)

Utilizando a brincadeira com as palavras, *Cantadora de histórias afro-diaspóricas*, como de costume denomino as práticas artísticas que construo, relacionando dança, canto e interpretação do que está sendo produzido em cena, que geram um conceito que fomenta o que os ancestrais produziram em seus cantos-danças uma vez que suas composições e gestualidades versam situações de estratégias de sobrevivência do cotidiano, enfrentando as condições impostas pelos senhores, buscando manifestar a sua religiosidade e espiritualidade.

Como no jongo/caxambu tradição de música-dança-poesia de matriz africana banto praticada no sudeste brasileiro e a capoeira que contém nas ladainhas e corridos às trajetória de vida dos praticantes. Dessa maneira emprego em momentos o termo *cantar histórias* pois canto-dança-poetizo essa trajetória de busca através do meu corpo-dança afro-ancestral nos espaços pelos quais vou construindo minhas andanças.

Como discursa Grada Kilomba, “música é metafísica, atravessa o espaço-tempo e voa. A música tende por vezes entrar em espaços físicos onde corpos são excluídos por ser performática⁹.” Desse modo, canto alto as cantigas que as velhas sábias me ensinaram; como a filha mais nova, músicas ritmadas pelos tambores do jongo e da capoeira angola, que me levaram de encontro com o Terecô; sons das Áfricas que ecoam na diáspora afro-brasileira; ecos da memória que unem as composições às escrituras.

Escrevivências são as contra-narrativas que Conceição Evaristo, mulher negra poetisa, ativista e escritora nascida na periferia de Belo Horizonte, propõe, por meio da motivação e libertação, dar voz às mulheres que foram invisibilizadas pela sociedade, mulheres negras e periféricas que como eu atualmente são desafiadas a trazer à tona os engasgos e dar vida às suas memórias do passado, que se misturam com o presente para projetarem um novo futuro.

⁹ Grada Kilomba conversa com Carla Fernandes sobre Descolonização. Arquivo Teatro Maria Matos. Youtube. 11 de Dez. 2017. 2h9mim11s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F867eaM2QcY&t=3295s>

Evaristo liberta neste processo de escrever a trajetória de perdas e desencontros, buscas e reencontros, e possibilita que eu possa almejar a conexão às minhas raízes familiares, reforçando aqui o ato político de escrever e publicizar a história escrita por mãos negras¹⁰, vencendo os entraves criados pelas condições socioeconômicas, de gênero, étnico-cultural, assim triunfando em um ato que não é só meu, mas dos ecos das memórias de vozes que vêm de longe já que há tempos constroem com esforços a resistência e resiliência caminhando em direção a tempos mais amenos.

Para realização desta narrativa de gênero autobiográfico, sou impulsionada após o encontro com Ponciá Vicêncio, “A moça que saiu de trem de uma cidadezinha qualquer, segue atravessando montanhas e mares”, que desenha a trajetória de sua ancestral família na busca de si e dos seus, personagem que aparece na primeira publicação solo de Evaristo.

Nesta ocasião, presentifico as/os meus guias nas encruzilhadas da teorização da dança-poética-escrita. Canto a toada para o chamamento das palavras de minhas mais velhas; minha mãe, Maria Francisca Machado Araujo, Conceição Evaristo, Sandra Haydée Petit, Beatriz Nascimento, Neuza Santos Souza, Grada Kilomba, bell hooks, e as mulheres que passaram por minha vida cantando suas contribuições.

Começo por minha mãe, Maria Francisca Machado Araújo. “Mãe, peço licença para escrever as nossas memórias de raízes profundas e agradeço nas primeiras linhas deste ritual escrito o meu grande amor e admiração pela mulher que é e também me ensina a ser”. Lembra de quando entrei na universidade? Falei que escreveria a nossa história, e agora, sete anos de lutas e buscas depois, aí vai!

Francisca, como é conhecida, é uma mulher negra, com olhos rasgados, ventosas do nariz largas e de sorriso e gargalhada grandiosos. Nordestina, nasceu no Maranhão, cidade de Caxias, povoado de Aldeias Altas, filha de Maria Eulália Machado e Antônio Selvino Araújo, sendo a sexta de oito irmãos na época que juntos formavam uma família que sobrevivia do plantio e colheita de arroz, milho, feijão, pepino, maxixe, quiabo e fartura que a terra oferecia.

Mãe contava que trabalhava junto com suas irmãs quebrando o coco na infância, com

¹⁰ “É tempo de falarmos de nós mesmos não como “contribuintes” nem como vítimas de uma formação histórico social, mas como participantes desta formação. Quando nos propomos a escrever uma História do Negro no Brasil, sabíamos da dificuldade de tal empreendimento, entretanto se nos 102 apresentou uma dificuldade inicial que foi o encontro de uma metodologia adequada e de uma outra conceitualização não só no nível do estudo em si, mas mais precisamente na utilização de conceitos que vão de encontro àqueles universalizados pela dominação ocidental, os quais consistem em expressar a posição do dominador frente aos seus dominados.(RATTS, 2007,p101). A citação acima são escritas de Beatriz Nascimento em seu artigo- Por uma História do Homem Negro • Publicado originalmente em: Revista de Cultura Vozes. 68(1), pp. 41-45, 1974.

pequenas mãos ligeiras com os facões afiados e perigosos. Lavava as roupas no rio e andava muitas e muitas léguas debaixo do sol, e lembra que nas noites de lua cheia a estrada parecia dia. Casa de taipa, linha de trem, rios caudalosos, bichinho do coco, coisas que ainda rondam o meu imaginário, criado pelas histórias contadas por ela.

Por decisão da pobreza e de Antônio Silvino, Francisca e Pedra foram doadas para “parentes” de outros Estados. Francisca foi levada ainda criança, com cinco anos de idade, para Brasília, e Pedra para o Rio de Janeiro. Em Brasília, a vida da pequena Francisca foi a parte mais difícil; “era um regime militar”, diz ela, não pelo militarismo em si, mas por não ser o ambiente acolhedor em que uma criança merece crescer, e porque lá se tratava de um trabalho infantil, onde ela cuidou de outras crianças, sendo privada de sua própria infância. Para ela, a única coisa boa foi que pôde aprender a ler e a escrever.

Francisca retornou aos treze anos para Aldeias Altas, em sua casa foi recepcionada pela ausência de vida de sua mãe, e muitas mudanças tinha acontecido em seu povoado. Antônio Silvino já estava envolvido em outro relacionamento, no qual a sua companheira sofria do “mal do ciúme” e acabou planejando muitas perversidades para que Francisca fosse embora novamente. Silvino, encantado, abriu mão de sua filha flor pela segunda vez, o que fez com que ela criasse uma ferida profunda pela falta de proteção do pai, pois mesmo tendo crescido longe dele nutria saudades e admiração.

Francisca decide aos treze anos ir embora, para onde não sabia ao certo, mas, já que na sua casa não foi recebida com o afeto que precisava, decide partir com apenas cinco peças de roupa, embarcando em uma viagem sem retorno para um mundo profundo chamado Brasil-adentro, passando por Piauí, Minas Gerais, São Paulo, e Rio de Janeiro.

Babá, doméstica e cuidadora de idosos foram os trabalhos que a fizeram se sustentar, e a passar pela experiência de diversos tipos de abusos de poder que o corpo de uma mulher negra sofre como mão de obra¹¹. O artesanato e a andarilhagem foram suas saídas por vezes para se

¹¹ “A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, a grosso modo, não muda muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos, em menor grau na indústria de transformação, nas áreas urbanas e que permaneça como trabalhadora nas rurais”.(RATTS, 2007 p. 104) A citação acima foi construída pelas palavras de Beatriz Nascimento em seu artigo- A Mulher Negra no Mercado de Trabalho, publicado originalmente no jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1976

sentir um um pouco mais livre na condição de trabalho/sustento. A música de Tim Maia¹² diz um dos caminhos que ela passou:

Já virei calçada maltratada / E na virada quase nada / Me restou a cortição / Já rodei o mundo quase mudo / No entanto num segundo / Este livro veio à mão / Já senti saudade / Já fiz muita coisa errada / Já pedi ajuda / Já dormi na rua / Mas lendo atingi o bom senso / A imunização racional. (MAIA, 1975)

Assim foi quando Francisca iniciou-se aos ensinamentos de Manuel Jacinto Coelho¹³, indo morar na comunidade Universo em Desencanto, encontrando ali sentido para continuar vivendo com apenas vinte e três anos. Suas relações de família foram estruturando-se nesse tempo, e ela casou-se com Eude Lucena. Alguns meses depois eu fui gerada, num ventre que lutou por amor¹⁴, lutaria anos a fio para aprender a dar o que poucas vezes recebeu, como ela sempre me disse “nesse momento ela não se encontrava mais só, pois estávamos juntas.”

Eu, Raíne Machado, a interlocutora desses caminhos, nasci em oito de abril de 1992, cresci emaranhada ao mato, pés na terra, batizada nas águas doces do rio, umbigo plantado num pé de café lá nas bandas da Baixada Fluminense, Nova Iguaçu. Minha mãe, cientista das ervas, curandeira de nós duas, mesmo estando longe da sombra da nossa árvore-originária-família, mantinha os costumes do interior que lhes foram ensinados. Esse distanciamento familiar em nós deixou lacunas por anos sem resposta; quem eram as pessoas que minha mãe contava nas suas lembranças? Quais eram seus rostos? Será que eu parecia com elas? Será que nossa família tinha tradição? Onde elas estavam? Foram questionamentos que eu me fiz ao longo da vida.

¹² A música de Tim Maia é uma das grandes divulgações da Cultura Racional. Tim Maia, enquanto praticante da mesma nos anos de 1974/ 1976, gravou dois discos que apresentam como tema a tradição da Cultura Racional. Os discos chamam-se “Tim Maia Racional Vol. 1 e Tim Maia Racional Vol. 2”.

¹³ Manoel Jacinto Coelho foi o fundador da Cultura Racional. Nasceu no Rio de Janeiro sendo um médium na Umbanda até 1935 trabalhando como funcionário público. No ano de 1935, aos seus 32 fundou a Cultura Racional, movimento que encaminhou até 1991, ano de sua morte.

¹⁴ “O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar.” (Hooks, 2000, p. 188). E ainda, “A idéia de que o amor significa a nossa expansão no sentido de nutrir nosso crescimento espiritual ou o de outra pessoa, me ajuda a crescer por afirmar que o amor é uma ação. Essa definição é importante para os negros porque não enfatiza o aspecto material do nosso bem-estar.” “Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura.” (Hooks, 2000, p. 198)

Minha mãe, através de sua oralidade, sempre nutriu o solo fértil das minhas imaginações, contando sobre o que viveu em sua infância no Maranhão, os momentos com cada um dos seus irmãos e irmãs. Criei memórias de vó Eulália, que na minha imaginação é a “rainha que mandava com os olhos” pois mãe me contava que bastava ela olhar que todas as crianças já a obedeciam, e de seus longos cabelos crespos penteados cuidadosamente com óleo de mamona. São essas memórias que posso amar profundamente, como se também tivesse sido criada por minha avó, ou até ser filha dela, pois essas memórias sempre causam uma fusão entre eu e minha mãe. De vô Silvino, mãe falava como algo não resolvido, pesar, saudades... ela guardava uma carta de 1984, remetente de Codó no Maranhão, ditada por ele, que conta o paradeiro de alguns da família. Ela respondeu algumas outras, mas suas mudanças fizeram que as respostas se perdessem no tempo.

Em 2013, uma surpresa nos foi concedida, fizemos a busca por minha tia Pedra. Eu trabalhava em uma empresa de call center e lá tínhamos acesso a dados de busca e bancários; minha mãe me deu o nome todo da minha tia num papelzinho, “Pedra Machado Alcântara”. Quando meu amigo Alan Rodrigo jogou no sistema, logo apareceu o endereço dela, que nos surpreendeu, pois era na cidade do lado da nossa, Belford Roxo.

Minha mãe foi, então, à procura de sua irmã no endereço que tínhamos encontrado, lembro dela ligar chorando emocionada pois tinha achado minha tia, que falou comigo alguns minutos no telefone agradecendo por não nos esquecermos dela. Até hoje temos encontros festivos em sua casa com nossas primas e toda a família que elas construíram durante esses anos que ficaram longe.

Tia Pedra em uma conversa me destinou a uma missão quando disse “você ainda vai encontrar toda a nossa família”. Essa afirmação-missão me deixou inquieta, pois nem imaginava por onde começaria essa busca.

“Você parece seu avô rodando saia no terreiro de Terecô”¹⁵

Em 2016 eu já estava envolvida da cabeça aos pés nos movimentos e grupos de danças afro-brasileiras, afoxé, jongo, capoeira angola, maracatu já faziam parte da minha rotina. Em uma visita que fiz na casa da minha mãe, pois nessa época eu já não morava mais com ela,

¹⁵ “Tava dançando jongo minha mãe me espiou/Disse olha menina cê parece seu avô/Ele rodava saia no Terecô/Terecô é medicina do povo curandeiro”(Machado, Raíne 2019) Jongo composto por mim em homenagem as palavras versadas de minha mãe.

descontraidamente eu estava dançando jongo na sala de casa quando ela exclamou: “Você parece seu avô rodando saia no terreiro de Terecô”.

Soaram como tambores as palavras de minha mãe, naquele momento eu senti um estremecer que percorreu por todo o meu corpo, pois essa comparação nunca antes feita tornava-se um grande elo que eu já buscava a tempos, pois a capoeira angola e o jongo em seus fundamentos me mostravam que as famílias possuíam suas linhagens passadas de geração a geração, o que me fazia querer saber qual era a nossa.

2.1 A BUSCA

Em 2017 vim-me embora para a Bahia. Estava determinada a transferir o curso que fazia de licenciatura em dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para a Universidade Federal da Bahia (UFBA), pois sentia que aqui estaria mais próxima dos fundamentos que a capoeira e as danças afro-baianas já estavam me proporcionando. A transferência tomou outros caminhos pois a burocracia da universidade que pretendia me invisibilizar no processo de seleção. As minhas construções em dança foram se movendo cada vez mais longe dos campos universitários. Fui acolhida por pessoas e grupos que constroem suas militâncias em outros âmbitos como o Acorda-Samba de Roda coordenado por Natureza França, Centro Cultural Mata Inteira construído por mestre Ivan Machado e hoje salvaguardado por mestre Luiz Carlos mais conhecido como Luizão, Casa do Renascimento onde a cura do meu corpo pode se concretizar pelo afeto de Jorgelina e Gisele, GEDAR- Instituto de Danças Afro-brasileiras coordenado por Sueli Conceição, Agnaldo Fonseca e Jeidjane Mirtes e atualmente a Associação Cultural de Capoeira Angola Cativeiro onde Edinei Sena conhecido como mestre Adó, quem me motiva a respirar e a me buscar um pouco mais. Portanto, essas foram as rodas que me protegeram e me embalaram ao som dos tambores para que eu não perdesse os passos nessa grande Bahia.

No início de 2017 ingressei no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), no campus Malês na cidade de São Francisco do Conde, e a minha vida tomou os rumos do Recôncavo Baiano em conjunto com a instituição que é diferenciada das demais universidades públicas tradicionais, por sua transnacionalização baseia-se nas políticas externas na busca pela cooperação com os países do eixo Sul do mundo, fundamentando-se nas trocas entre brasileiros(as) e africanos(as), resultada da luta histórica do movimento negro brasileiro em consonância com o governo anterior.

No primeiro período do curso, tive a disciplina de Antropologia e Colonização, ministrada por Rafael Buti, onde tivemos que fazer uma espécie de mapa familiar para alcançar nossas linhagens mais distantes; cheguei até meus avôs e bisavôs pela certidão de nascimento da minha mãe. Essa prática me deixou inquieta, pois desejava ir além, e também saber mais sobre minha avó e avô. Pedi ajuda à minha mãe, que me enviou a carta que meu avô escreveu em 1984. A carta trazia em seu corpo o paradeiro de alguns de meus tios e tias naquela época, além do endereço de remetente.

“Maranhão, Maranhão ôôô que saudade do meus Maranhão Voltou”¹⁶

Pedi a meus ancestrais, em frente à baía de Todos os Santos, que se eles queriam que eu soubesse onde eles estavam então que me ajudassem a achá-los, e na semana seguinte, fim do mês de março de 2017, em conjunto com a jongueira nova Laíssa Sobral, que me acompanhou durante essa trajetória de busca, recebemos o convite de Milson Onilètó para irmos para São Luís do Maranhão, em uma oficina de confecção de tambores. O programa do governo federal Id Jovem foi uma ferramenta aliada para a chegada ao destino desembolsando pouco custo.

Primeiro de abril cheguei em São Luís, era noite, sem nada conhecer apenas com a referência do Centro Cultural que situava-se na rua Montanha Russa onde Mestre Amaral coreiro antigo na tradição do Tambor de Crioula, que salvaguarda a tradição de sua família há muitos anos. Mestre Amaral não encontrava-se no centro então fui abrigada debaixo de uma velha árvore de figueira, que recobre toda a casa com sua copa suntuosa e raízes espessas, me fazendo sentir recepcionada.

Em poucas horas apareceram Laissa, que chegou um dia antes de mim, e Milson Onilètó, o coordenador da Onilús Tambores, que nos convidou para realizar a atividade durante uma semana, período que acabou se estendendo em três semanas intensas de buscas sankofa, pois quando contei que tinha a carta como pista de minha família materna, endereçada de Codó, logo decidimos que iríamos em direção à terra da magia, como é conhecida, por possuir em média 300 tendas da religião do Terecô.

Em oito de abril de 2017, meu aniversário de vinte e seis anos, renasci em terras codoenses. Ganhei de presente de aniversário conhecer Dácia Abreu, mulher negra, codoense, historiadora e coordenadora do Coletivo Núcleo Mobilização da Juventude Codoense, coletivo com sede em sua casa, onde desde 2016 ela e aproximadamente trinta jovens e crianças formam

¹⁶ Corrido que Mestre Adó sempre canta nas rodas de Capoeira Angola em Santo Amaro da Purificação.

essa liderança negra move a luta antirracista cotidianamente na construção do pertencimento e direitos étnicos-raciais na cidade de Codó.

Nas duas semanas em que lá estive fui envolta de afeto e trocas com as meninas e meninos nas brincadeiras, contação de histórias, oficinas de dança, apresentação de teatro, capoeira, afoxé, samba de roda, funk, rap, trap, afro-house, e não pode faltar o Terecô, pois foram as crianças as primeiras a me contarem sobre a tradição de suas famílias que algumas seguem, pois são filhas e netas de terecozeiros, como Maria José¹⁷, de aproximadamente 12 anos, que em entrevista me disse: “O Terecô é uma dança africana que todos podem entrar quando quiser na hora que quiser, e essa dança tem que ser levada muito a sério e não tem que ter vergonha se alguém te perguntar o que é a Umbanda¹⁸”.

“Terecô é medicina do povo curandeiro”

Já era véspera do aniversário da cidade de Codó, noite de quinze de abril, acompanhada por Dácia fui conhecer a noite dos tambores de Terecô. O primeiro salão que visitei foi o da matriarca Maria Júlia, na Tenda Espirita de Umbanda Santa Luzia, Casinha singela toda amarela, era festa de Oxum, as vestes de dona Maria Júlia eram um vestido rodado amarelo com detalhes brancos que reluziam em destaque a cor de sua pele, que brilhava em conjunto com suas vestes. Quando chegamos ela nos saudou dando as bênçãos para nossas pesquisas, o que no momento me deixou um pouco desconfortável, pela ideia de me identificar como “pesquisadora”, pois para mim eu só estava ali em busca do meu avô e sua tradição. Hoje eu entendo melhor o que a mãe Maria Júlia quis dizer. E não foi só isso. Sua recepção foi cuidadosa e cheia de encantos, pois me pediu que cantasse, pois sabia que de onde eu estava vindo essa era a função.

Pois bem, pedi licença, me pus à frente do salão e cantei os pontos do Jongu, enquanto os abatazeiros reduziam o toque, pois o ponto puxado era mais lento. Os Encantados, filhas e filhos da casa dançaram girando suas vestes sagradas, o que não demorou muito para eu integrar a roda me pondo a girar, como no dia que minha mãe me conectou com meu avô. Eu estava lá girando minha saia no terecô. Dona Maria perfumou a minha mão com uma mistura de ervas antes que eu entrasse na roda para dançar, e naquela noite tudo me parecia familiar, pude transmutar meu corpo e dançar junto com os ancestrais.

¹⁷ Maria José é integrante do Coletivo Núcleo é neta de dona Esmeralda, conhecida como Senhora quem ensinou os primeiros passos para ela no Terecô.

¹⁸ O Terecô passa por o processo de umbandização em seus cultos o que ocasiona na perda da identidade tradicionalista da prática religiosa.

Lembro de comentar com mãe Maria Júlia da busca do meu avô e ela sorriu e disse tranquilamente que eu já estava no caminho de encontrar. A Madrugada já estava batendo na boca do céu quando fomos embora, não para casa, mas para a Tenda Espírita de Santa Bárbara, liderada por mãe Maria dos Santos, e lá continuei rodando a sagrada saia, dando voltas em torno de mim mesma, observando os sentidos que tinham me trazido para os caminhos da minha família.

No dia seguinte, dezesseis de abril, aniversário de Codó, quando boa parte das famílias estavam em casa, Dácia estrategicamente me sugeriu irmos na TV e na rádio da cidade e fazer uma chamada ao vivo para essa busca. Foi o momento cena de cinema, nós caminhando pelas ruas da cidade e ela me contando as histórias dos lugares, com todo um movimento de cuidado que teve de amparar pelas minhas angústias da busca.

Tv Codó, imagem da gente, Canal 13, foi ao ar ao vivo, pedacinho de papel na mão com nome de todos da carta de meu avô Silvino, o apresentador Edmilson Filho, conhecido como Pé de Queijo, me recebeu no *Fala Codó!* Assim que acabamos a transmissão ele falou pra eu procurar Léo Araújo, rapaz que tinha o mesmo sobrenome do meu avô, dono de uma lavanderia na cidade.

Ao sairmos da emissora de tv, mesmo com a informação sobre o tal rapaz, fomos à rádio Eldorado AM 700Khz, a pioneira do vale do Itaperucú, onde Francisco Lemos, do programa *Coisas do Povo*, me recebeu para que também pudesse transmitir minha mensagem de busca ao povo codoense, a entrevista durou cerca de 15 minutos no ar, de forma descontraída.

Francisco Lemos me direcionou a reflexões instigantes no ar, pude falar um pouco da minha história de busca familiar, mulher negra, estudante, sobre as relações culturais, que estava envolvida e principalmente agradecer a oportunidade que a vida me presenteou de conhecer a matriz religiosa do meu avô o terecô através do coletivo núcleo e ser guiada por Dácia Abrel no desbravar das encruzilhadas codoenses.

“Quando Você Vier Para Codó Me Procure Estrada Para Lá Palmeira do Norte”¹⁹

Após todas essas buscas fomos conversar com Léo Araújo, o senhor que poderia ter informações sobre o paradeiro dos Araújo. Quando chegamos, ele já estava bem informado da menina que estava buscando a família, na verdade Codó inteira parecia já saber.

Dácia e eu fomos até a casa desse senhor destinto, que com um silêncio reconfortante nos disse que ainda moravam alguns Araújo nas terra de Para lá de Palmeira do Norte, entre eles o Sr Pacheco Araújo, que era genro de meu avô Silvino, mas sem entrar em muitos detalhes.

¹⁹ Fragmento da carta do meu avô, momento em que ele deixa seu endereço caso ela voltasse ao Maranhão.

No dia seguinte fui ao encontro que combinamos, onde ele me levou na casa dessas pessoas que podiam ser ou não da minha família.

Cheguei na casa de uma senhora chamada Silvia Araújo que me recebera como se já me conhecesse, o engasgo na garganta me trouxe uma tontura momentânea, respirei fundo e fui contando a minha história devagar, enquanto dona Silvia já ia me servindo um café com olhos marejados e semblante de estima. Eu não conhecia minha árvore genealógica para além das pessoas que minha mãe tinha me apresentado, e fomos juntando as partes das cabaças despedaçadas, naquele momento buscando quem era filha de quem.

Quando chegou Francisca, conhecida como Chica, irmã de Silvia, fomos desembolando o fio de contas da vida. Elas me apresentaram Antonio Pacheco, o senhor que tinha pouca lembrança porque tempo de vida já tinha muito, com seus 90 e tantos; seu registro da idade nem suas filhas sabiam mais. Ele lembrou-se rapidamente do meu Avô, pois foi casado com dona Maria Araújo (tia de minha mãe), e juntos tiveram Maria de Jesus Araújo (prima da minha mãe), mãe de Sílvia e de Francisca (primas de segundo grau de minha mãe). A conversa sobre a nossa árvore familiar foi longa; estávamos tentando encaixar as peças, mas no fundo sabíamos que estava tudo certo, que tínhamos achado as raízes.

As surpresas só foram surgindo, num quintal grande debaixo da mangueira, onde primatia (de muitos graus) Silvia peneirava arroz, quando chegou Mayara, filha de Chica, e foi ela que me trouxe a informação sobre dona Maria do Socorro, última esposa do meu avô, que morava nas proximidades.

Mayara e eu resolvemos nos chamar de primas, pois nossas raízes estavam tão emaranhadas que eu ainda não sabia em qual escala de familiaridade nós nos encontrávamos. Logo na conjuntura desse primeiro encontro tão afetuoso nos aproximamos, e foi ela quem me levou até a casa de dona Maria do Socorro.

Sim, eu pareço com meu Avô!

Caminhamos alguns minutos entre as pequenas casas de taipas misturadas a casas de alvenaria, onde quase nenhuma possuía muros, o interior das memórias de minha mãe estavam ali se presentificando na minha frente; em alguns momentos eu me (con)fundia com ela, já não sabia mais quem eu era, se era eu em busca do meu avô, ou se eu era filha de Antônio Silvino, minha mãe. Quando chegamos em frente a casa de dona Maria, sua filha Charlyane foi lhe chamar no plantio, ela veio correndo chorando com as mãos na cabeça em minha direção, pois achava que algo tinha acontecido com seus filhos, que também são os filhos do meu avô e que não moravam mais com ela. Maria do Socorro me olhou, e achou que eu também era filha de

Silvino dizendo que eu me assemelhava a ele, foram momentos de reconhecimentos. Mais uma vez, fui contando qual o motivo de estar ali, na busca por minha família.

Dona Maria do Socorro da Silva foi casada com meu avô e junto com ele teve dois filhos, João Batista da Silva Araújo, que hoje tem treze anos, e Maria Francisca da Silva Araújo, que tem quinze anos e segundo dona Maria me revelou, tem o nome em homenagem a minha mãe, pois meu avô achava que ela já não estava mais viva. Dona Maria do Socorro foi me narrando sua vida ao lado do homem que amou, pois foi ela a primeira pessoa nessa história que me contou que ele havia falecido, ninguém antes sabia o paradeiro dele, mas ela sim. Disse-me que faleceu no dia três de março de 2015, ainda brincou falando que mais um pouco eu encontrava ele com vida. Como eu desejei ter chegado antes naquele momento.

Dona Maria foi se abrindo, muito solícita, me desvelando coisas as quais cada vez mais fui me identificando com personalidade de meu avô, disse-me que ele era um ser que se comunicava com todos, gostava de trabalhar com o plantio e com as ervas e viajava bastante, não parando quieto em nenhum lugar, possuindo grande honestidade e carinho com as pessoas pelas quais construía afinidade e que tinha um gênio muito forte quando se enfurecia. Sim eu pareço meu avô!

Senti na casa de dona Maria um ar de vazio, vazio pelos filhos que ela precisou entregar como lá no passado foi com minha mãe e tia Pedra, crianças que estavam sob os cuidados do meu tio Juvêncio, irmão de minha mãe, filho do primeiro casamento de vovô. As crianças foram para a cidade de Centro de Guilherme no Maranhão pois a condição de cuidar delas sem a presença de Silvino tornava a rotina de dona Maria muito mais dificultosa.

Nesta altura eu já me encontrava com muitas informações preciosas, achei parte da minha família e naquele momento só precisava fazer o contato que dona Maria do Socorro tinha me possibilitado, do meu tio Juvêncio, irmão da minha mãe. Mãe sempre trouxe ele para minha memória, Juvêncio é identificado como o contador de histórias da infância dela e agora eu tinha o telefone de sua filha Cristiane.

Voltei para o Coletivo Núcleo e imediatamente liguei para minha mãe, que ainda não sabia com todos os detalhes da minha jornada, fui novamente tendo muito cuidado ao contar para ela o que eu realmente estava encontrando. Mãe ficou vibrante com as notícias que eu transmitia, após essa primeira busca eu já estava exausta, minha cabeça trovoava de informações e passei a missão adiante, solicitei que ela fizesse contato a partir de agora, pois eu precisava voltar pra casa.

2.2 PRIMEIRO REENCONTRO DA MINHA MÃE COM A FAMÍLIA

A primeira investigação foi a abertura dos caminhos nesta encruzilhada de buscas que possibilitou a minha mãe e minha tia Pedra entrarem em contato com os familiares após aproximadamente quarenta anos sem notícias. Mãe estava empenhada, e criou até um grupo da família pela rede social Whatsapp, onde a cada dia estavam sendo adicionados familiares de diversas regiões do Maranhão e de outros estados. Cabe dizer aqui que meu avô teve três casamentos; o com a minha avó Eulália onde nasceram José, Maria de Jesus, Alberto, Jeová (Juvêncio), Pedra, Maria Francisca (minha mãe), Maria da Conceição (in memorian) e Ana Célia; do segundo casamento, com dona Domingas, nasceu Claudete; e do terceiro, com dona Maria do Socorro, nasceram Maria Francisca e João Batista.

2.3 RETORNO ÀS RAÍZES ANCESTRAIS NA TERRA DOS COCAIS

Após dez meses de contatos estabelecidos pelas redes sociais e telefonemas, minha mãe se organizou junto com minha tia Pedra uma viagem de retorno ao Maranhão. Em março de 2019 elas saíram do Rio de Janeiro e seguiram estrada. Eu, que já estava me entendendo como pesquisadora da trajetória da minha família, durante o início de mais um período letivo segui estrada para esse (re)encontro familiar na cidade onde nascera minha mãe, Aldeias Altas, Caxias. Confesso que vivenciar essa experiência e com tamanha responsabilidade de registrar esses relatos me deixou atônita por vezes, mas naquele momento não poderia abandonar o que tinha desejado desde a infância.

Em 5 de março de 2019 em Aldeias Altas, Caxias, Maranhão, fui a primeira a chegar. Estava indo para casa da minha tia Claudete, filha do segundo casamento de vovô, onde aconteceria o primeiro encontro com a nossa família. Eu não conhecia tia Claudete e nenhuma das minhas outras tias e tios pessoalmente, apenas tia Pedra, mas agora eu iria conhecer e reconhecer as pessoas que meu avô trazia em suas escritas.

Quando desci do pequeno carro de passeio, que me levou até a rua conhecida como Risca Faca, as crianças vieram me abraçando, eram minhas primas Clara, Carla, Suzana e o pequeno Wanderson, tia Claudete já estava emocionada e naquele momento concretizava-se mais um encontro. Minha mãe e tia Pedra chegariam nos próximos três dias e ficariam uma semana em Aldeias Altas, partindo para o povoado de Senador Alexandre Costa e em seguida a cidade de Centro de Guilherme onde mora meu tio Juvêncio.

Passaram-se os três dias e minha mãe chegou junto com minha tia, vi as duas se transformando em crianças onde juntas com suas irmãs e irmãos estavam se reconhecendo nas memórias e histórias do passado e do presente, sentindo o pertencimento que há muito já não sentiam. A cada casa (que eram muitas) que visitamos uma grande roda no quintal se formava para ver as meninas que voltaram para visitar a família. Ouvi as histórias de meu tio Juvêncio, que de sua bíblia retirou cartas, fotos, registros antigos de nossa família onde até contia o registro de trabalhador rural do meu tataravô Augusto Manuel Machado. Tio Juvêncio também me ajudou a desenhar nossa árvore genealógica, que contém mais de cem pessoas que ele lembra de cabeça.

Foram muitas aventuras e histórias que pude ouvir atentamente e partilhar com a minha família; reconhecer em vários rostos os nossos traços em comum, como com minha tia Avó Pedrolina, irmã da minha avó, que emocionou a todas nós pois seus traços lembravam a sua irmã; pude aproveitar algumas horas ao lado dela, que até me rezou com o copo d'água na cabeça. Minha mãe também pôde visitar o povoado em que nasceu e conhecer a mangueira que a minha avó tinha plantado quando minha mãe ainda não tinha nem nascido, quem contou essas histórias para ela foi seu tio Sr. Eurípedes, que mora lá até hoje na mesma casa de taipa coberta de palha e que já vai chegando aos seus quase cem anos de vida.

São muitas as personagens encontradas nessa longa história. O que um dia achamos estar perdido pode ser encontrado nos interiores do grande estado do Maranhão, a terra preta fértil onde nascera minha mãe e onde eu pude conhecer nossa família, brincar com meus primos, receber abraços de tia-avó e escutar muitas histórias das minhas tias e tios, o que me faz ter o desejo incessante de escrever esses trajetos encruzilhados e emaranhados. Sendo que a busca ainda não está concluída, pois tio Alberto encontra-se desaparecido; agora a família está empenhada em encontrá-lo.

In (conclusão)

Rito de passagem

Rito de início meio e fim que retorna para um novo início e que não acaba em mim

A roda a circularidade a história do nosso povo negro nunca se findará desde os tempos das primeiras civilizações egípcias até aqui

Nossa trajetória é longa

Olhar para trás a todo instante ser Sankofa

Para sabermos quem somos

Somos árvores sagradas de raízes frondosas
 Árvore é Tempo que não será derrubada pelo vento
 Existimos aqui como o Baobá
 A Gameleira Branca
 O Dendezeiro,
 A Jurema,
 O Coco Babaçu,
 O mesmo coco que minha mãe quebrará lá na infância eu voltei aqui hoje pra dar a devida
 importância para a nossa história de vida
 Sempre quis conhecer minha família que tão distante e tão perto estava
 Porque dentro de mim os meus ancestrais habitam
 São esses ensinamentos que defendo,
 Os ensinamentos da oralidade, sopro da vida que vem através do hálito que transmuta-se em
 palavras através das rezas, do canto, da dança, do movimento
 Falando nele, Iaroiê Exu! por ser o senhor dos nossos caminhos
 Me ajudou a encontrar com os meus nessa trajetória tão longa
 Saúdo toda aldeia!
 Orixás, Voduns, Nkisis, Encantados, Pretos Velhos , Caboclos
 Todo que tem vida que vemos e o que não vemos
 O sagrado e o profano
 As minhas e meus mestres que me ensinam a caminhar em passos lentos para que eu não possa
 tropeçar e se isso acontecer
 A capoeira me ensinou a levantar
 Pois na luta contra os males da perda da memória eu vim guerrear
 Pertencimento é dizer com orgulho “Todo poder ao povo preto!”
 E cada um de nós sementes brotando aqui nesse solo-vida-sagrada temos uma missão
 E para isso é só pegar a encruzilhada
 Aláfia²⁰!

In(Conclusão)

É nesta partida poética que peço licença para seguir, dar continuidade a esses encontros

²⁰ *Rito de passagem*, poesia de minha autoria que reflete meus reconhecimentos a respeito da ancestralidade que me guiou para esses caminhos de encontros.

e motivar as pessoas que nos emaranhamos nas encruzilhadas da vida a buscarem o aprofundamento das suas raízes ancestrais. Saber de nossa história individual ou coletiva é um processo de autocura, ver o reflexo da nossa existência passada, presente e futura. Assim a teoria da Afrocentricidade sistematizada pelo intelectual Molefi Kete Asante²¹(1942-) é exercida como possibilidade epistemológica emancipatória no contexto africano e diaspórico. Emancipatória por a Afrocentricidade ser a conscientização sobre a agência dos povos africanos, portanto minha inserção nos movimentos culturais negros somados a minha herança familiar são as bases fundamentais para o discernimento sobre o minha agência enquanto mulher negra africana na diáspora. Processo que desenha-se nesta escrivência em primeira pessoa.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Pelos caminhos do jongo/Caxambu: história, memória e patrimônio. Niterói: EDUFF, 2008.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, p. 93-110, 2009.

BENJAMIN, Walter et al. El narrador. 2008.

CENTRINY, Cícero. Terecô de Codó: uma religião a ser descoberta. São Luís: Zona V Fotografias Ltda, 2015.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia, p 202, 2005.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. 1946, 3.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FARIAS, Kellynia; PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia, pertencimento afro e os marcadores das africanidades: Conexões entre corpos e árvores afroancestrais. Memórias de Baobá II. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe, v. 2, p. 188-198, 2000.

<http://www.culturaracional.com.br/>

MUNANGA, Kabengele. Negritude-usos e sentidos. Autentica, 2015.

NEUMANN, Ricardo et al. A cultura racional: as leituras do maior homem do mundo. 2008.

²¹ Poeta, dramaturgo, fundador e dirigente da associação humanitária Afrocentricity International.

NÓVOA, António et al. Vidas de professores. *American Sociological Review*, v. 49, n. 1, p. 100-116, 1995.

OLIVEIRA, Eduardo David. *Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2007.

PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores: contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03*. EdUECE, 2015.

RATTS, Alex : *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. (São Paulo, Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007. 138p.

ROSO, Adriane. *Psicologia e história: acerca da construção de árvores genealógicas ou como retomar lembranças de família em sociedades de rede*. *In Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 3, pp. 385-392, jul./set. 2010. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/revistapsico/article/view/5596>>. Acesso em: Agosto de 2019

SOUSA, Neusa Santos *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. Coleção Tendências; V.4

ANEXOS

Codo Maranhão 10-10-84
 Saudações,
 minha querida filha Maria Francisca
 botei a bênção do teu querido Papai
 Rogui a Deus.
 Por - mi e por ti também Deus é quem ti -
 a ajuda minha filha do meu coração

Peço mi pareça a qui que eu estou Patou-
 do mal de saúde não tive mais eu não
 posso ir a e minha sobrinha não deca
 Maria Francisca mando ti dizer
 que eu vivo com a mulher não beubo
 o José está morando com a prima filha da
 Julia Jovencos está para sexta pelada
 o Albertino casou com a prima esta fora
 Ana Selia esta com -migo e mamãe
 velha doente também José Delfino continuando
 não tendo saúde fora di mi
 mais so.

Lembrança e bênção para você
 a qui eu fico com meu coração Portulado
 eu moro no Distrito mesmo lugar
 Palmeira do Norte Codo Maranhão

quando você vem para Codo procure
 estrada para la Palmeira do Norte

Antonio Selvino de Araujo

A carta ²²

²² Carta do meu avô para minha mãe, principal documento no processo de busca.



Minha mãe e eu (1994)²³



Tio José



Vô Selvino



Tio Jovêncio²⁴

²³ Eu no colo de afeto de minha mãe.

²⁴ As fotos 3x4 do arquivo pessoal de minha mãe.



Juventude codoense e eu (2018)²⁵



Primeira foto em família (2018)²⁶



Encontro Família Machado Araújo(2019)²⁷



Tia-avó Pedrolina(2019)²⁸

²⁵ Apresentação do corpo de teatro do Coletivo Núcleo no campus da UFMA-Codó.

²⁶ 17 de abril de 2018 primeiro encontro com a família, eu abraçada com Silvia, Sr Antônio Pacheco e Francisca.

²⁷ Da esquerda para a direita, minha tia Maria de Jesus primeira filha mulher da família, minha mãe, tio Jovêncio, tia Pedra e Tia Ana Célia. Encontro após quarenta anos sem contatos.

²⁸ Pedrolina minha tia-avó, e seus traços que lembram minha avó.



Tataravô Augusto Manuel Machado Vieira²⁹



Tio-Avô Eurípedes(2019)³⁰

²⁹ Documento do acervo pessoal(bíblia) de tio Jovêncio.

³⁰ Sr. Eurípedes recebendo seus sobrinhos Jovêncio e Francisca.